Capítulo XXIV — O espírito da Religião (continuação)

Deus é caridade e Deus fez o homem à sua imagem. Se, pois, Deus é caridade, o homem é amor; amar é viver; não amar é morrer[1]. Se amar o homem é, por assim dizer, todo Deus, amar a Deus é todo o homem. Tal é a essência da religião e da sociedade. Graças a esse traço de luz, um dos mistérios mais impenetráveis para a filosofia se revela claramente a nossos olhos. Enquanto volumes inteiros mal bastam para conter os códigos dos legisladores humanos, compreende-se muito bem por que o Legislador supremo só dá ao homem uma única lei:

> *Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento... Amarás a teu proximo, como a ti mesmo. D'estes doux mandamentos depende toda a lei, e os profetas.*

A isso se reduzem o Antigo e o Novo Testamento, o tempo e a eternidade.

A história da religião nos mostrou Deus obedecendo exclusivamente e sempre à lei da caridade; vejamos, por justa reciprocidade, essa lei única imposta ao homem orientando sua vida, disciplinando todos os seus afetos e, conforme é cumprida ou violada, produzindo a felicidade ou a infelicidade do mundo. Antes de tudo e acima de tudo, diz-se ao homem: Amarás a Deus, teu criador, teu redentor, teu princípio e teu fim; depois, em Deus e por Deus, todas as criaturas, tu mesmo incluído. Monarca da criação, recebe a homenagem de teus súditos; aproveita seus serviços; mas não esqueças jamais que, se és o rei da terra, és o vassalo do céu. Amarás a Deus, teu benfeitor e teu pai, em todas essas coisas que te falam dele e que ele fez para ti; respeitá-lo-ás em todas as coisas que são dele e não tuas. Meios de perfeição para ti e de glória para ele, que jamais em tuas mãos as criaturas se tornem instrumentos de ultrajes para ele e de iniquidade para ti. Como a agulha imantada gravita incessantemente para o polo, gravitarás incessantemente para Deus, levando o tributo de reconhecimento que deves a teu soberano, e esse tributo é a criação inteira, enobrecida por teu amor e falando por teus lábios.

Essa luminosa palavra dá ao amor do homem pelas criaturas regras certas. A primeira das três concupiscências que atormentam o coração humano e que transtornam a sociedade, a sede de ouro, é ferida de golpe mortal.

Há outra concupiscência não menos funesta que a sede de ouro: é a sede de prazer. A essa nova paixão a lei da caridade põe um freio, dizendo ao homem: Regulado pela vontade de Deus, teu amor por ti mesmo será cheio de sabedoria e de equidade. O que há de mais nobre em ti será o

primeiro depósito de teu amor. Amarás tua alma mais que teu corpo; amarás teu corpo como se ama um servidor necessário, mas suspeito; respeitá-lo-ás como um vaso de honra destinado à imortalidade; numa palavra, amarás teu corpo por tua alma e um e outro por Deus. E eis todas essas ignóbeis inclinações, todos esses vícios odiosos que tendem a fazer da alma a escrava humilhada do corpo e a lançar a perturbação na sociedade fazendo reinar o sensualismo, eis que são fulminados até a raiz.

Resta matar a terceira concupiscência, o orgulho da vida, o egoísmo, esse outro elemento de dissolução social. Com uma só palavra, a lei da caridade a imola, dizendo ao homem rico ou pobre, poderoso ou fraco: Porque deves amar-te a ti mesmo, não podes deixar de amar o homem, teu semelhante e teu irmão; quem pode odiar a própria carne? Um e outro, imagens vivas do mesmo Deus, sois, além disso, um e outro o prolongamento do mesmo homem. O sangue que corre em tuas veias é o sangue que corre nas dele. Os combates que travas, ele os trava; a coroa que esperas, ele a espera; soldados juntos, juntos deveis triunfar: a felicidade de um completará a felicidade do outro. Durante a luta farás por ele o que queres que faça por ti; pois o amarás como a ti mesmo.

O espírito da religião, a carta do gênero humano, está, pois, na lei da caridade. Estabelecer, propagar, defender essa lei única, tal é o objeto de todas as obras de Deus desde a origem dos séculos, no mundo antigo como no mundo moderno; tal é também, em última análise, o objeto de todos os códigos humanos; pois tal deve ser o fim de todos os esforços do homem religioso e social, o fim das ciências, das artes, das letras, dos reinos e dos impérios. Sendo o cumprimento dessa lei a condição imperiosa de salvação para o homem e para as sociedades, há razão de espantar-se por ela sair como conclusão prática de todo o nosso ensino?

Felizes se, reconduzindo tantas vezes o espírito e o coração dos jovens cristãos a esse ponto fundamental, pudemos inspirar a alguns a inabalável resolução de serem constantemente fiéis a essa lei da caridade, última palavra de Deus, do homem e do mundo.

Assim, uma só lei, a da atração, que se poderia definir o amor mútuo dos corpos, rege o mundo físico; e essa única lei o mantém numa constante e magnífica harmonia: uma só lei, a da caridade, rege o mundo moral; e essa única lei, bem compreendida e bem observada, basta para entreter entre todos os homens e todos os povos uma paz inalterável e conduzi-los à dupla felicidade do tempo e da eternidade. Se a simplicidade nos meios e a fecundidade nos resultados são o selo incomunicável das obras de Deus, como não cair de joelhos e não reconhecer, no silêncio da admiração, a divindade do cristianismo e a genealogia igualmente divina das sociedades humanas?

Mas a caridade é um dom. Se o raio está no homem, o foco está em Deus. O que é o sangue no corpo humano, a caridade o é no corpo social. Para manter a vida é preciso que o sangue parta do coração e se dirija às extremidades, e para reparar-se é preciso que das extremidades o sangue volte ao coração. Se quer conservar em si a caridade, o homem deve pôr-se de tempos em tempos em comunicação direta, imediata, com o próprio foco da caridade. Aqui vem revelar-se uma maravilha maior que todas as outras.

Como a árvore da vida no meio do paraíso terrestre, como o sol no centro do firmamento, a Eucaristia brilha no meio do mundo moral; e a Eucaristia é o amor em pessoa, o amor acessível a todos, o amor eternamente fecundo em milagres de transformação e de dedicação. Todos os prodígios de caridade são filhos da Eucaristia. A prova disso é que, onde quer que se deixe de crer nesse mistério de amor ou de participar dele, a caridade se extingue para dar lugar ao egoísmo. Passeai vossos olhares sobre o mapa-múndi: exceto entre os povos católicos, e nos católicos que comungam, em parte alguma encontrais uma dedicação real: nem mais sacerdotes, nem mais missionários, nem mais irmãs de caridade. O homem que não comunga pode muito bem dar alguma coisa, mas dar-se, jamais: sua religião não vai até aí.

O católico é diferente. Misteriosamente comovido depois da comunhão, diz a si mesmo: Meu Deus em pessoa acaba de dar-se a mim; por seu coração pede-me meu coração; por sua vida, minha vida; que posso garantir-lhe? Para ele, não tem necessidade de nada; cedeu seus direitos a meus irmãos, os pobres, os doentes, os pecadores. Por eles pede-me meu coração, pede-me minha vida. Para pagar seu amor só tenho isso, e é bem pouco; mas ele se contenta, e o católico, arrebatado a si mesmo, dá-se. E eis, conforme Deus o pede, um missionário, um mártir, uma serva dos pobres, toda uma vida de dedicação.

O fogo que consumiu o holocausto vem a arrefecer? O católico sabe reacendê-lo no foco do amor; volta à mesa sagrada. É, como dissemos, o sangue que das extremidades retorna ao coração, de onde partira, para dele partir de novo reaquecido, purificado, e fazer circular em todos os membros o calor e a vida.

Esse simples apanhado eleva de repente o preceito da comunhão à altura de uma lei social, tão necessária às nações civilizadas quanto o coração é necessário ao sangue, a fonte ao rio, o foco luminoso ao raio que dele emana. Um ilustre protestante, lorde Fitz Williams, demonstrou essa verdade fundamental com a mais notável superioridade de lógica: eis uma breve análise de suas deduções.

Não é somente aos indivíduos e em vista da salvação eterna que o Redentor do gênero humano disse:

> *Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós;*

suas palavras se dirigem às sociedades e lhes revelam a lei necessária de sua existência e de sua perfeição. Com efeito, a virtude, a justiça, a moral são as únicas bases sólidas dos governos.

Ora, é impossível estabelecer a virtude, a justiça, a moral sobre fundamentos minimamente sólidos sem o tribunal da penitência, porque esse tribunal, o mais temível de todos os tribunais, é o único que se apodera da consciência e, por conseguinte, a dirige de maneira realmente eficaz.

Mas é impossível estabelecer o tribunal da penitência sem a crença na Eucaristia, sem a obrigação de recebê-la, porque, se tirais essa crença, a comunhão perde todo o seu valor, e, se suprimis essa

obrigação, a Eucaristia é abandonada.

Se numa sociedade ninguém jamais se afastasse dessa crença nem dessa obrigação, a questão não seria: qual é o melhor dos governos? mas antes: num tal governo, que necessidade há de outras leis? Talvez todas as leis humanas ali seriam tão supérfluas quanto são impotentes onde quer que o dogma da Eucaristia não lhes sirva de fundamento. A história das nações modernas é a prova do que afirmo[2].

A lei divina da comunhão existe; mas o cumprimento dessa lei será deixado ao arbítrio de cada um? Quem não vê que isso seria tornar o mandamento ilusório; pois as paixões, que ele contraria, acharão sempre mil pretextos para dispensar-se de cumpri-lo.

Em sua solicitude maternal, a Igreja católica fixou, pois, uma época para o cumprimento do preceito divino. A fim de consagrar as misteriosas harmonias da ordem natural e da ordem sobrenatural, é no momento preciso em que, sob a influência da primavera, tudo se renova na natureza que ela quer que, sob a influência da Eucaristia, tudo se renove no mundo moral. Assim, as nações rejuvenescidas pelo pão da vida, por esse pão que conserva as sociedades produzindo o duplo milagre da força e da virgindade, podem continuar de maneira digna de Deus e digna de si mesmas sua marcha ascendente para o reinado absoluto do amor na eternidade.

Em três palavras: a Caridade como lei, o Decálogo como comentário, a Eucaristia como meio: eis o resumo de toda a legislação divina e a única base sólida das sociedades humanas.

Notas

[1] Qui non diligit manet in morte. — 1 Jo 3, 14.

[2] Lettres d’Atticus.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:37 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:38 by Admin